**As mídias em comunidades indígenas: *habitus* como uma matriz cultural?**

**Helânia Thomazine Porto[[1]](#footnote-1)**

Professora da UNEB (BA), doutoranda em Ciências da Comunicação – UNISINOS (RS)

**Resumo:** Neste trabalho discorreremos sobre alguns conceitos apresentados por Pierre Bourdieu (1980, 1983, 1972, 1998 e 2009), especificamente sobre o *habitus*, com vistas as análises de usos e de apropriações de mídias por indígenas, da etnia Pataxós, da Bahia. O projeto problematiza a singularidade do processo de construção da identidade cultural indígena a partir da inserção das mídias na aldeia, a utilização das mídias por essa comunidade, os sistemas midiáticos e o condicionamento de condutas de apropriações midiáticas, buscando, assim, refletir sobre as abordagens metodologias a serem adotadas. Assim, olhar criticamente para as diversas práticas comunicativas estabelecidas pela comunidade indígena vem se configurando como um desafio frente ao potencial que os meios de comunicação oferecem como recursos para a investigação comunicacional, especificamente na padronização ou não de comportamento nos processos midiáticos. Portanto, faz-se necessário entender os processos comunicacionais sob o ponto de vista da cultura. Pensando o conceito de cultura (no sentido antropológico e não estruturalista) sem se opor ao de *habitus*, mas sem ser reduzir a este como o único princípio para explicação das práticas sociais, conforme vimos em Bourdieu.

**Palavras-chave:** Habitus, Bourdieu, Mídias, Comunidade Indígena.

**The media in indigenous communities: habitus as a cultural matrix?**

**Abtract:** In this work we will discuss some of the concepts presented by Pierre Bourdieu (1980, 1983, 1972, 1998 and 2009), specifically on the habitus, aiming the analysis of uses and appropriation of media by indigenous, the Pataxós ethnicity, Bahia. The project questions the uniqueness of the construction process of the indigenous cultural identity from the insertion of media in the village, the use of media for this community, media systems and conditioning appropriations media ducts, seeking thus reflect on the approaches methodologies to be adopted. So look critically at the various communicative practices established by the indigenous community has been shaping up as a challenge facing the potential that the media offer as resources for communication research, specifically in standardization or not behavior in media processes. Therefore, it is necessary to understand the communication processes from the point of view of culture. Thinking about the concept of culture (in the anthropological and not structuralist sense) without opposing the habitus, but without being reduced to this as the only principle for explanation of social practices, as we have seen in Bourdieu.

**Keywords:** Habitus, Bourdieu, Media, Indigenous Community.

**Los medios de comunicación en las comunidades indígenas: el habitus como una matriz cultural?**

**Resumen:** En este vamos a discutir el trabajo sobre algunos conceptos presentados por Pierre Bourdieu (1980, 1983, 1972, 1998 y 2009), específicamente en el habitus, el objetivo del análisis de los usos y apropiación de los medios de comunicación por los indígenas, el origen étnico Pataxós, Bahía. Las preguntas del proyecto la singularidad del proceso de construcción de la identidad cultural indígena de la inserción de los medios de comunicación en el pueblo, el uso de los medios de comunicación para esta comunidad, sistemas de comunicación y acondicionado por conductos créditos de los medios de comunicación, con lo que buscaban reflexionar sobre los enfoques metodologías a ser adoptadas. Por lo tanto una visión crítica de las diversas prácticas comunicativas establecidas por la comunidad indígena ha sido perfila como un desafío frente a la posibilidad de que la oferta de medios de comunicación como recursos para la investigación de la comunicación, específicamente en la normalización o no el comportamiento en los procesos de comunicación. Por lo tanto, es necesario entender los procesos de comunicación desde el punto de vista de la cultura. Pensando en el concepto de cultura (en el sentido antropológico, no estructuralista) sin oponerse al habitus, pero sin reducirse a esto como el único principio para la explicación de las prácticas sociales, como hemos visto en Bourdieu.

**Palabras clave:** habitus, Bourdieu, los medios de comunicación, Comunidad indígena.

**1. Introdução**

Neste trabalho discorreremos sobre alguns conceitos apresentados por Pierre Bourdieu (1980, 1983, 1972, 1998 e 2009), especificamente sobre o *habitus*, com vistas as análises de usos e de apropriações de mídias por indígenas, da etnia Pataxós, da Bahia. O projeto de pesquisa “Culturas Indígenas Midiatizadas: processos sociocomunicacionais em uma comunidade indígena” problematiza a singularidade do processo de construção da identidade cultural indígena a partir da inserção das mídias na aldeia, a utilização das mídias por essa comunidade, os sistemas midiáticos e o condicionamento de condutas de apropriações midiáticas, buscando, assim, refletir sobre as abordagens metodologias a serem adotadas.

Sendo assim, em primeiro lugar traremos à baila o conceito de *habitus*, a partir das diversas entradas realizadas por Bourdieu, ao longo de suas pesquisas, por compreendermos que sua noção de *habitus* nos auxiliará nas apreciações dos processos midiáticos na referida comunidade, esses como dinâmicas configurantes e atualizantes das matrizes culturais, o que demanda pensarmos as características de uma identidade social, de um sistema de orientação ora conscientes ora inconsciente e no *habitus* como uma matriz cultural, que predispõe os sujeitos a fazerem suas escolhas dentro de suas possibilidades.

**2. Potencialidades e limites da “da Teoria Geral da Prática”**

Bourdieu, partindo da ideia de que a teoria social serve para explicar as práticas e o ato de construção da ciência social, defende que se tivéssemos uma teoria geral da prática, poderíamos objetivar a ciência como qualquer prática social sem ter que percorrer o caminho do relativismo elementar que seria o de questionar o observador externo datado e situado.

Por essa ótica o autor esclarece que o modo *praxiológico* de produzir teoria científica está claramente em oposição ao modo fenomenológico (presente no interacionismo simbólico e na etnometodologia). Em reforço a esse distanciamento, o autor diz que a *praxiologia* parte do conhecimento objetivista (referindo-se ao estruturalismo e a todas as construções científicas que explicam a realidade a partir de modelos ou ideias-tipo) para, então, superá-la.

Na obra *O poder simbólico* (2009), Bourdieu exibe de modo sintético e sistemático o *modus operandi* na construção do que seja *habitus*, apresentando uma genealogia de seu conceito, (re)situando a sua significação em relação aos usos anteriores. Ele explicita que o conceito de *habitus* exprime antes de tudo a sua renúncia a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo.

Para a utilização do conceito de *habitus* o autor adotou o mesmo abordado pela escolástica (que por sua vez retomara a velha noção aristotélica de *hexis)*, como forma de reagir ao estruturalismo e a sua filosofia da ação, implícita na noção de inconsciente, especificamente de Lévi-Strauss e dos althusserianos, estes últimos com seu agente reduzido ao papel de suporte da estrutura[[2]](#footnote-2).

Nesse processo de significação o autor realizou também aproximações com os debates de Chomsky e a sua noção de gramática gerativa, colocando em evidência as capacidades criadoras, ativas e inventivas, do *habitus* e do agente. Nesse sentido, ele se afina com Chomisky quanto ao *habitus*, como um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de sujeito transcendental na tradição idealista). O *habitus* ou a *hexis* indica a disposição incorporada, quase postural de um agente em ação. Com essa dialética ele buscou chamar a atenção para o primado da razão prática de que já tratara Ficthe, retomando ao idealismo, como Marx sugeria, isto é, o lado ativo do conhecimento prático que a tradição materialista tinha abandonado.

A utilização da palavra *habitus* a partir desse percurso teve como intenção a retirada de Bourdieu da filosofia da consciência, sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções do objeto (aqui *habitus* associado também ao fazer científico), assim como Hegel que também recorreu a noção de *hexis* (que em grego equivale a *habitus*) ao exprimir o desejo de romper com o dualismo kantiano e reintroduzir as disposições constitutivas da moral realizada em oposição ao moralismo abstrato da moral pura e formal do dever, como a de Husserl, assim também o esforço para sair da filosofia da consciência reintroduzindo – como em Heidegger e Merleau-Ponty, que empregaram a palavra para se referirem ao funcionamento sistemático do corpo socializado e não como uma relação de cumplicidade ontológica com o mundo.

A decisão de retomar uma palavra de tradição para reativá-la é justificada por Bourdieu pela sua convicção de que o trabalho de conceitualização pode ser cumulativo, em oposição a estratégia positivista tradicional que ligava o conceito a um nome, a uma escola ou a um sistema.

Embora Bourdieu tenha partido do conceito de *habitus* da escolástica, como um aprendizado passado, ele o retoma de forma original, no interior do embate objetivismo/fenomenologia, para entendê-lo como:

sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípios que gera a estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente regulamentadas e reguladas sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem se tenha necessidade de projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro. (1983, p. 65).

Partindo desses argumentos, podemos entender *habitus* como um conjunto de esquemas pré-reflexivos (disposições) de percepção, apreciação e antecipação que foram produzidos no agente social. Estes esquemas como o resultado de um trabalho de inculcação pela prática em que o agente social interioriza de modo sistemático e coerente as estruturas de relações de poder, a partir do lugar e da posição que nelas ocupa, e exterioriza em práticas as disposições que antes interiorizou. No entanto, devemos levar em consideração a sua ressalva, de que a prática não é produto da estrutura presente, mas antes uma relação dialética entre estrutura interiorizada pela história do grupo ou da classe social (*habitus*) e da estrutura social presente. Assim, o eventual desfasamento entre uma e outra implica a necessidade de improvisação, não se podendo repetir mecanicamente o que foi praticado no passado.

Para o referido autor existe no mundo social de estruturas objetivas, ou seja, *habitus*, que coagem, que podem direcionar, impor padrões de comportamento aos agentes sociais. Deste modo, esses teriam a faculdade de padronizar o conjunto das práticas socioculturais dos agentes e dos grupos sociais, tornando funcionais os comportamentos dos sujeitos para a lógica do sistema capitalista hegemônico. Entretanto, ele explicita que,

Falar de estratégias de reprodução não é atribuir ao cálculo racional, ou mesmo à intenção estratégica, as práticas através das quais se afirma a tendência dos dominantes, dentro de si mesmos, de perseverar. É lembrar somente que o número de práticas fenomenalmente muito diferentes organizam-se objetivamente, sem ter sido explicitamente concebidas e postas com relação a este fim, de tal modo que essas práticas contribuem para a reprodução do capital possuído. Isto porque essas ações têm por princípio o *habitus*, que tende a reproduzir as condições de sua própria produção, gerando, nos domínios mais diferentes da prática, as estratégias objetivamente coerentes e as características sistemáticas de um modo de reprodução (1989, pp. 386-387).

Nesse sentido, ele compreende que os atores sociais estão inseridos espacialmente em determinados campos sociais, de posse de certos capitais (cultural, social, econômico, político, artístico, esportivo etc.) e o *habitus* de cada ator social condiciona seu posicionamento espacial e, na luta social, identifica-se com sua classe social. No entanto, ele lembra que para o ator social tentar ocupar um espaço é necessário que ele conheça as regras do jogo dentro do campo social, e que esteja disposto a jogá-las. Assim, as diferentes posições que os agentes ocupam na sociedade equivalem aos diferentes estilos de vida. As práticas e as propriedades, no amplo sentido dos termos, são expressões organizadas e integradas de suas condições de existência, ou estilos de vida, porque são resultado do mesmo operador prático.

Assim, por exemplo, o *habitus* adquirido na família está no princípio da estruturação das experiências escolares [...], o *habitus* transformado pela ação escolar, ela mesma diversificada, estando por sua vez no princípio da estruturação de todas as experiências ulteriores [...] e assim por diante, de reestruturação em reestruturação. As experiências [...] se integram na unidade de uma biografia sistemática que se organiza a partir da situação originária de classe, experimentada num tipo determinado de estrutura familiar. (Bourdieu, 1983, p. 80).

Nessa perspectiva os atores sociais reagem de acordo com uma determinada lógica, inerente ao ser de cada um. O que não significa dizer que Bourdieu defenda uma total previsibilidade da ação, mas argumenta que há limites dentro dos quais os sujeitos possam se expressar. Portanto, o *habitus* é visto como princípio unificador e gerador de cada prática, que orienta a posição do agente social no espaço social e determina o conjunto de suas preferências.

Deste modo, as ações, comportamentos e aspirações individuais não derivam de planejamentos prévios, são antes de mais nada produto da relação entre um *habitus* e as pressões e estímulos de uma conjuntura. *O habitus* “não é destino, como se vê às vezes. Sendo produto da história, é um sistema de disposição aberto, que incessantemente confrontado por experiências novas e, assim, incessantemente, afetado por elas”. (Bourdieu, 1992, p. 108). Partindo dessa observação, *habitus* não pode ser interpretado como memória sedimentada e imutável, pois é ainda, um sistema de disposição construído continuamente e constantemente sujeito a novas experiências.

A partir da rede semântica em que o conceito de *habitus é* (re)construído*,* identificamos a ruptura com as interpretações deterministas e unidimensionais das práticas, quando ao longo do texto, Bourdieu adota a significação de *habitus* como sistema de disposições ligado a uma trajetória social, sinalizando o improviso social, este determinado pela história do agente social. Do modo como a lógica da prática opera, faz com que, por um lado, o conceito de prática nunca possa ser considerado como de obediência às regras sociais externas ainda que implicitamente.

Nessas discussões, a diferenciação entre o social e o individual acatado pelas ciências sociais, perde sentido, uma vez que o indivíduo será sempre o produto estrutural de sua história social face ao estado conjuntural presente nas relações de poder. Por conseguinte, o improviso social também não pode ser tomado como uma simples adequação a fins posteriores ou às intenções estratégicas prévias e conscientemente formuladas.

Para o autor é pela incerteza da lógica, prática que torna necessário o improviso. Assim, ele supõe que as construções subjetivas da consciência sejam consequência posteriori da prática improvisada e não a sua origem ou explicação. Igualmente, as aspirações, as categorizações e os julgamentos sociais tendem adequar-se ao provir, ao nomeável e ao realizável, através dos esquemas pré-reflexivos, receptivamente, de antecipação, percepção e apreciação, de acordo com as possibilidades estruturais relativas à posição de poder ocupada por cada agente social.

Nessas discussões o sujeito passa a ser apresentado como um sujeito histórico, uma vez que a elucidação do improviso da prática não está relacionada à tomada de consciência do agente social, mas está focada no fato da inculcação do *habitus,* que produz e reproduz através do corpo, por uma cronologia das estruturas, que se inicia desde os primeiros anos de vida, na família, e assim por diante, de reestruturação em reestruturação, desenvolvendo no corpo os esquemas pré-reflexivos, aprendidos por incorporação nos diversos ritos sociais.

Exposições que corroboram para a afirmação de que o *habitus* não é transparente à consciência e à sua transformação voluntária. Em Bourdieu (1983) a incorporação das estruturas cumpre a função de disciplinar o “corpo selvagem”, exigindo-se o pormenor das atitudes, dos gestos, dos tons de voz, entre outras, aparentemente “insignificantes”, exigindo-se o rodeio e adiamento da satisfação, diferindo e diversificando os prazeres no tempo. Desse ponto de vista, o *habitus* é entendido como “um ser que se reduz a um ter, a um ter sido e um ter feito ser” (p. 182).

As discussões apresentadas nada têm a ver com qualquer teoria em que o problema da identidade social é abordado como construção de uma consciência coletiva. De tal modo, existirão *habitus* mais semelhantes e outros mais diversos, conforme a identidade de condições da existência. Estes, ao serem regulados estruturalmente, supõem uma harmonização de *habitus* diversos que se tornarão previsíveis e inteligíveis, na prática, os comportamentos de outros, reproduzindo-se as estruturas de desigualdades existentes, como se de uma grande orquestra se tratasse, embora sem maestro: “uma invenção sem intenção”, “uma concertação objetiva”. (Bourdieu, 1983, pp. 169-176).

**3. Afinações entre o objeto de pesquisa e a teoria apresentada**

Nos textos apresentados encontramos afirmações que nos ajudam a refletir acerca do *habitus* como um conceito capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo da individualidade. Para afiançar tais reflexões trazemos dois tópicos apresentados por Bourdieu (1983) no texto da *hysteresis do habitus*, em que desajustamento das estruturas incorporadas passa às estruturas sociais presentes da prática, para referir o eventual efeito de conjunturas revolucionarias (desvalorizando-as, sinalizando que o passado continua a ser preponderante para a lógica da prática), não negando a possibilidade de ocorrerem mudanças sociais significativas, embora não a totalidade daquelas que eram desejadas pelos atores sociais (denominadas de ocasiões falhadas,) e também quando diz que a harmonização dos *habitus* (denominado de refuncionamento da orquestra social sem maestro) tem graus variáveis, admitindo a possibilidade da existência de falhas nos processos de inculcação e deficiências nos *habitus,* acrescentando a possibilidade de que a institucionalização de regras sociais mais explícitas permite regular práticas, que pela sua lógica, enquanto orquestração improvisada, não ocorrerem automaticamente.

Sendo assim, acatamos a sugestão quanto à teoria praxiológica, como possiblidade para preensão da historicidade das práticas pelas quais os agentes reagem, adaptam-se e contribuem no fazer da história.

O conhecimento que podemos chamar de *praxiológico* (que) tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização das exterioridade e exteriorização da interioridade. (Bourdieu, 1983, p 46-47).

Tais reflexões nos instigam a pensar nas midiatizações como um processo complexo, especificamente como os sentidos são construídos na inter-relações entre produtos midiáticos e os sujeitos, ao longo da trajetória histórica.

**Considerações Finais**

A pesquisa “Culturas Indígenas Midiatizadas: processos sociocomunicacionais em uma comunidade indígena” se configura como um estudo de caso em midiatização, esta como subcampo da Comunicação, em transversalidade com outras temáticas, tais como sociais, culturais, identitárias e étnicas, consequentemente com outras ciências, como Sociologia, Antropologia, Linguística, História e Artes. Assim, a análise sobre a inter-relação entre identidade cultural, etnia e midiatização aponta para a necessidade de entrelaçamentos da comunicação no contexto da cultura em sua dinâmica social e histórica. O que significa analisar os usos e apropriações da televisão, do rádio, da internet e de aparelhos celulares pelos indígenas Pataxós a partir de uma dialética com seus contextos, seus engajamentos políticos e com suas práticas comunicacionais e culturais; enfim por uma proposição interdisciplinar.

Advogamos, portanto, que nessa pesquisa devemos eleger como temas as questões políticas e ideológicas, uma vez que os meios de comunicação e informação se organizam a partir de relações de poder, historicamente construídas e que, no jogo dos acontecimentos, vão arquitetando novas estratégias de dominação, mas que sempre deixam margem para movimentos de resistências . Uma vez que em toda sociedade, “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigo, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. (Foucault, 2000, p. 9).

Quanto à resistência ao poder hegemônico presente nas mídias, consideramos que não devemos desprezar a noção de *habitus*, defendida por Bourdieu, ao nos atentarmos para os condicionamentos promovidos pelos contextos comunicacionais midiáticos assim também para os movimentos de resistência e autonomia dos interlocutores.

Na defesa de Bourdieu, conforme fora apresentada ao longo do texto, o *habitus* teria a faculdade de padronizar o conjunto das práticas socioculturais dos agentes e dos grupos sociais tornando funcionais os comportamentos dos sujeitos para a lógica do sistema capitalista hegemônico. Quanto a esta assertiva, problematizamos na referida pesquisa, se os sistemas midiáticos têm movido e condicionado condutas repetitivas. Nesse sentido, como o *habitus* tem se configura como um elemento basilar, ordenador e programador das práticas sociais e culturais na comunidade indígena. Uma vez que, há estudos que apontam que nem tudo é reprodução de elementos estruturais. O mundo da produção de sentido, nas distintas culturas é múltiplo, complexo e não se configurando como estruturações de significações mecânicas deterministas.

Ao problematizarmos sobre a configuração de esquemas mais ou menos inconscientes de percepção, de ação e de valoração que se inscrevem nos sujeitos a partir do lugar social que ocupam e que se configuram em seus processos midiáticos, colocamos tais argumentos em confrontos com os de Thompson (2008), que diz que as táticas de resistência já estão imbricadas nas possibilidades das minorias se apropriarem dos recursos tecnológicos para darem novos sentidos às suas práticas culturais, em que nem tudo poderá ser entendido como reprodução e nem tudo como ruptura.

Assim, olhar criticamente para as diversas práticas comunicativas estabelecidas pela comunidade indígena vem se configurando como um desafio frente ao potencial que os meios de comunicação oferecem como recursos para a investigação comunicacional, especificamente na padronização ou não de comportamento nos processos midiáticos. Portanto, faz-se necessário entender os processos comunicacionais sob o ponto de vista da cultura. Pensando o conceito de cultura (no sentido antropológico e não estruturalista) sem se opor ao de *habitus*, mas sem ser reduzir a este como o único princípio para explicação das práticas sociais, conforme vimos em Bourdieu.

**Referências Bibliográficas**

BOURDIEU, P. **Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1983. Organizado por Renato Ortiz; Coordenado por Florestan Fernandes.

BOURDIEU, P. **Esquisse d’une théorie de la pratique**. Tradução das partes: “les trois modes de connaissance” e “Structures, habitus et pratiques”. In; Esquisse d’une théorie de la pratique. Genee, Lib. Droz, 1972. p. 162-189. (Traduzido por Paula Montero).

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1998. Tradução: Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sônia Miceli e Wilson Campos Vieira.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. Tradução: Fernando Tomaz.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, J.; PASSERON, J. **Oficio de sociólogo**: Metodologia da pesquisa em sociologia. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. Tradução: Guilherme Joao de Freitas Teixeira.

CANCLINI, N. G**Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998

FOUCAULT, M. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004. Tradução: Joao Manuel Ribeiro Coelho e Sergio Coelho.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2008.

1. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no Departamento de Educação - Campus X. Doutoranda em Ciência da Comunicação: processos midiáticos, pela UNISINOS - RS. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL (CNPq/CAPES/UNEB) e do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção PROCESSOCOM (CNPq/CAPES/UNISINOS). Realiza pesquisas acerca dos eixos temáticos: Educação, linguagem e Comunidade Indígenas; Semiótica, Linguagens e Cultura Indígena e Midiatizações em Comunidade Indígena. E-mail: hthomazine@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. O conceito de *habitus* é retomado pela necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionamentos sociais em pesquisas realizadas na Argélia, na época em que esta era colônia da França, na década de 1970. [↑](#footnote-ref-2)